

ERA UMA VEZ...: TÉCNICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.

ONCE UPON A TIME...: STORYTELLING TECHNIQUES AS METHODOLOGICAL STRATEGIES IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS

*Denise Stefanoni Combinato*¹

*Ana Dair Moraes Ortiz Endrizzi*²

*Deborah Caroline Ramos Bahiense*³

*Gislaine Aparecida dos Reis*⁴

RESUMO: O objetivo geral deste trabalho foi planejar e desenvolver uma oficina sobre técnicas de contação de histórias a docentes de uma escola de ensino médio integral para que eles pudessem se apropriar e fazer uso de algumas técnicas em sala de aula. Dessa forma, a expectativa da oficina era contribuir para a formação docente e, consequentemente, com a mobilização, atenção e interesse dos alunos, assim como com a melhor eficiência dos professores e professoras no processo ensino-aprendizagem. Isso porque, diante de um cenário de pandemia, alguns estudantes manifesta(ram) comportamentos de desinteresse, baixa concentração e atenção durante as aulas, dificultando a aprendizagem. A metodologia adotada na oficina foi a própria contação de histórias, uma arte milenar que tem o potencial de aproximar as pessoas, despertar afetos, imaginação e encantamento. O corpo docente avaliou positivamente a oficina, considerando-a uma oportunidade de aprendizado e reflexão sobre a atividade. Todos afirmaram que pretendem utilizar o aprendizado obtido nas suas aulas. Espera-se, de fato, que essa breve experiência mobilize professores e professoras na utilização de técnicas de contação de histórias no processo pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Metodologias de ensino. Contação de histórias.

¹ Graduada em Psicologia, com doutorado em Saúde Coletiva e pós-doutorado em Bioética. É Professora do Magistério Superior do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia-MG e graduanda em Letras pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo - UNIVESP. Desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão envolvendo psicologia da arte, bioética narrativa, morte e luto. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2927386243095297>.  <https://orcid.org/0000-0002-5919-0289>. E-mail: denisecombinato@hotmail.com

² Bacharel em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Universidade do Vale do Paraíba e graduanda em Letras pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo - UNIVESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/61789900838562173>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7326-8855>. E-mail: anadairmoraes@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo - UNIVESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/66172350154330555>.  <https://orcid.org/0000-0002-5832-9293>. E-mail: deborahcsramos@gmail.com

⁴ Graduada em Farmácia-Bioquímica pela Universidade Federal de Alfenas, pós-graduada em Administração de Empresas pela Fundação A. Álvares Pentead e graduanda em Letras pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo - UNIVESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/06345628189220246>.  <https://orcid.org/0000-0002-4556-0322>. E-mail: gislainereis10@hotmail.com

<https://doi.org/10.36311/2236-5192.2022.v23n1.p217>

INTRODUÇÃO

A crise pandêmica de COVID-19 situou o processo de ensino-aprendizagem em uma nova realidade educacional, desconhecida e desafiadora, através do ensino remoto em plataformas digitais. Ainda que todas as condições estruturais estivessem atendidas (equipamentos adequados e acesso à internet de qualidade a docentes e estudantes, por exemplo), surgiram alguns questionamentos: como mobilizar a participação (ativa) de alunos e alunas? Como tornar a aula *online* atrativa? Como manter a concentração do corpo discente durante muito tempo diante de um computador ou celular? Em outras palavras, como afetar e educar simultaneamente?

Retornar às aulas presenciais, após um longo período de aulas remotas, continuou sendo um grande desafio para o processo ensino-aprendizagem, em função, só para citar um exemplo, das defasagens de aprendizagem. Isso sem contar todas as exigências sanitárias diante da continuidade do quadro pandêmico.

Sabemos que a responsabilidade de promover a qualidade no ensino envolve governo, sociedade, família, escola, porém, é o professor e a professora quem se encontram na linha de frente.

Para Morgado (2004), a qualidade de ensino inclui, dentre muitos outros aspectos, a capacidade de o corpo docente dar respostas pedagógicas adequadas à diversidade de necessidades e de interesses dos diferentes estudantes com quem trabalham, possibilitando-lhes as condições pedagógicas adequadas ao seu sucesso escolar. A disposição dos docentes em buscar novas técnicas a serem aplicadas em suas disciplinas vai ao encontro da sua vocação primordial, que é promover a qualidade do processo ensino-aprendizagem.

A fim de contribuir com estratégias pedagógicas a docentes no momento de transição das aulas remotas para as aulas presenciais, ainda com ensino híbrido, realizamos um levantamento de necessidades com professores e professoras de uma escola estadual de ensino médio integral do interior do estado de São Paulo. Nesse momento, constatamos a dificuldade de esses profissionais da educação mobilizarem a atenção de estudantes para a aprendizagem e usarem mecanismos para melhorar o interesse da turma, principalmente no que diz respeito a recursos criativos.

Nesse viés de planejamento criativo, para auxiliar o corpo docente em uma nova realidade, com significativas perdas (humanas, sociais e educacionais), propusemos a apropriação de técnicas que integrassem sentidos e afetos, forma e conteúdo, ou seja, técnicas de contação de histórias.

A contação de histórias tem um potencial educativo e curativo (POTT, 2016). A partir da compreensão de *como* a contação de histórias consegue atingir especialmente o potencial educativo, buscamos generalizar esses conhecimentos para as atividades do contexto escolar.

Muito mais do que utilizar a contação de histórias para o ensino de conteúdos curriculares, este projeto procurou demonstrar como as *técnicas* de contação de histórias podem auxiliar a transmissão do conhecimento, podendo ser uma estratégia didática para o aprendizado.

Sendo assim, o objetivo geral deste projeto foi desenvolver uma oficina sobre técnicas de contação de histórias com professores e professoras de uma escola estadual de ensino médio integral. Esperava-se que eles se apropriassem e utilizassem algumas técnicas nas suas aulas e, com isso, conseguissem mobilizar a atenção e o afeto dos estudantes, ampliando as possibilidades de aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Contar história é a mais antiga e ao mesmo tempo não deixa de ser a mais moderna forma de comunicação e de preservação e transmissão de valores de uma determinada população (TAMANHO; MINUZI, 2019, p. 12).

Souza e Bernardino (2011, p. 235) afirmam que, “durante muito tempo, o ato de contar histórias era tido como uma forma de entreter, distrair e relaxar as crianças”. Entretanto, para Souza e Silva (2021), a contação de histórias pode se tornar uma ferramenta de relevância no processo ensino-aprendizagem.

O potencial educativo da contação de histórias está relacionado à mobilização da atenção e do imaginário do outro, ao despertar afetos, promover o exercício da comunicação e da alteridade, à ampliação de significados e sentidos provocados pelas metáforas (CAFÉ, 2020).

Ouvir histórias desenvolve o potencial crítico e melhora a capacidade de memória e concentração de estudantes. Além disso, mobiliza o questionamento, a reflexão, a capacidade de resolver problemas e formular sentimentos e opiniões (ABRAMOVICH, 1997).

Um texto não literário tem por objetivo transmitir uma informação. Já um texto literário, como é o caso da contação de histórias, tem um objetivo estético de provocar, alterar, transformar o receptor. A partir da experiência literária, o receptor se adentra à história e, muitas vezes, é modificado por ela, favorecendo certos questionamentos ou afirmações pelo exercício de alteridade, uma vez que o receptor pode abandonar a si próprio ao imergir no mundo dos personagens.

Para Almeida (2014, p. 154), na recepção literária, o leitor se esquece de si mesmo e mergulha em um mundo desconhecido, que, ao mesmo tempo, remete-o a uma reflexão. O sujeito é levado a pensar de forma diferente: “A leitura literária marca

nosso corpo com os depósitos de uma reflexão vinda de outrem, possibilitando-nos olhar o mundo por um prisma diferente”.

Toda essa magia da literatura envolvida em técnicas de contação parece amplificar seus efeitos. Segundo Matos (2015), a arte da contação de histórias envolve elementos e recursos estéticos como a musicalidade das palavras, o ritmo, a entonação, o silêncio, a gestualidade e o olhar. Isso porque, mais do que transmitir um conteúdo, o objetivo é “implicar e envolver o ouvinte” (Idem, p. 203).

Por isso, um primeiro conhecimento fundamental para a contação de histórias é saber profundamente quem é o público-alvo e qual é o contexto de inserção. Café (2020, p. 23) defende que analisar o contexto é uma forma de “ver e agir no mundo”, na medida em que se reconhece o lugar de si e do outro para a ação.

Para implicar o outro, é preciso estar totalmente implicado consigo e com a atividade: “ter o dom da narrativa é também viver sua vida como uma história” (MATOS, 2015, p. 211). A autora sugere que o contador “torne-se o herói de sua própria história”, expressando-se afetivamente e olhando para “as pessoas, as coisas e os lugares como se fosse a primeira vez” (Idem, p. 211).

Café (2020) sintetiza alguns elementos e recursos estéticos da contação de histórias: oralidade, corporeidade e ritmo. A oralidade diz respeito a toda produção sonora exercida pelo narrador, por exemplo, a voz, o timbre, a intensidade, a entonação. Segundo a autora, o contador deve sentir cada palavra, sua matéria-prima, valorizando-a em toda sua potencialidade. A corporeidade refere-se a gestos, movimentos, olhares, expressões. A autora alerta que, apesar da importância dos gestos e movimentos, seu exagero pode afastar o ouvinte. Já o ritmo está relacionado ao tempo, ou seja, ao andamento da narrativa, o que envolve, para cada contador, um tipo de acento, pausa, silêncio. Importante destacar que o ritmo linear ou com poucas variações torna a história cansativa.

Algumas dicas de Otte e Kovács (2002, p. 6) para a contação de histórias, que podem ser adaptadas como técnicas no processo ensino-aprendizagem, são:

- [...] 2) destacar e sublinhar os tópicos mais importantes, interessantes e significativos, para que na apresentação recebam a devida valorização;
- 3) procurar vivenciar a história. Envolver-se com ela, fazer parte dela e sentir a emoção dos personagens e ao apresentá-la atrair os ouvintes para a magia da história;
- 4) [...] falar com naturalidade e dar destaque aos tópicos mais importantes com gestos e variações de voz, de acordo com cada personagem e cada nova situação; [...]
- 5) oferecer espaço aos ouvintes que querem interferir na história e participar dela.

As autoras destacam também a importância de a história estar presente na memória do contador e de a contação ser envolvida com entusiasmo e paixão (OTTE; KOVÁCS, 2002).

Considerando que tanto a contação de histórias como a aula envolvem um contar *com*, estar *com*, os papéis do contador e do professor são fundamentais no sentido de atrair o espectador ou o aluno para dentro do universo da história e da aula. Esse papel envolve, em síntese, o domínio mnemônico e afetivo do texto, o (auto) conhecimento dos recursos orais e corporais, a capacidade de escuta e imaginação, a espontaneidade e simplicidade traduzidas na paixão pelo que se faz (CAFÉ, 2020).

Segundo Vigotski (2018), a atividade criadora depende do repertório de experiências acumulado pelo sujeito. “Toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (Idem, p. 22). Ou seja, quanto mais rica a experiência do indivíduo, maior sua possibilidade de imaginação e criação. Além disso, o autor afirma que o sistema afetivo influencia o sistema imaginativo e vice-versa. Um de seus argumentos para defender essa ideia é: “Qualquer um sabe que na desgraça e na alegria vemos tudo com outros olhos” (Idem, p. 27). A partir daí, percebemos que cognição e afeto devem caminhar juntos. Ou seja, a exposição de um conteúdo não atinge o sistema cognitivo isolado do afetivo.

Assim, considerando o potencial educativo e de ativação de todo o sistema psíquico através da contação de história, planejamos, ministramos e avaliamos uma oficina a docentes, que será descrita a seguir.

SOBRE O CONTEXTO

Essa oficina foi desenvolvida por alunas do curso de Licenciatura em Letras e Pedagogia da Universidade Virtual do Estado de São Paulo – UNIVESP, como atividade do Projeto Integrador (PI), durante o 2º semestre de 2021.

O PI é uma atividade grupal desenvolvida em todos os semestres dos cursos, a partir do 2º, que busca solucionar um problema real articulando teoria e prática. Para os 7º e 8º bimestres, o PI dos cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia da UNIVESP tem como objetivo a proposta de uma metodologia aplicada a uma determinada situação problema (UNIVESP, 2020).

A partir da demanda apresentada pela coordenadora pedagógica de uma escola estadual de ensino médio integral do interior do estado de São Paulo e de uma pesquisa realizada com os professores e as professoras dessa escola, propusemos a realização de uma oficina sobre técnicas de contação de histórias.

Algumas questões feitas em formulário *online* anônimo ao corpo docente foram relativas às estratégias didáticas usadas em sala de aula, aos recursos tecnológicos e artísticos, às dificuldades inerentes ao processo ensino-aprendizado durante a

pandemia. Responderam ao questionário na plataforma Google Forms 18 sujeitos da unidade escolar, no período de 01 a 08 de outubro de 2021.

Em relação ao tempo de formação, 61% dos sujeitos afirmaram ter mais de 18 anos de formação. Se, por um lado, esse tempo indica uma grande experiência do corpo docente, por outro, pode apontar uma necessidade de educação continuada, tendo em vista as novas tecnologias para o ensino e o perfil dessa nova geração, por exemplo

[...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também (FREIRE, 1996, p. 44).

O conceito de educação continuada pode ser entendido de modo amplo e genérico, compreendendo qualquer tipo de atividade que contribua para o desenvolvimento profissional, realizada após a graduação ou após o ingresso no exercício do magistério, possibilitando aos docentes adquirir ou aperfeiçoar seus conhecimentos, habilidades, disposições para exercer sua atividade docente, de modo a melhorar a qualidade da educação que seus estudantes recebem.

Entende-se esse desenvolvimento, termo que sugere evolução e continuidade, como sendo, “[...] um processo contínuo de aprendizagem que inclui, por um lado, a aquisição de novas competências, resultantes de práticas de inovação escolar e, por outro, a consolidação de competências adquiridas e mantidas ao longo da carreira” (PACHECO; FLORES, 1999, p. 168).

Sobre as dificuldades relativas ao processo ensino-aprendizagem⁵, 67% das respostas indicam a falta de atenção/concentração de estudantes como o maior obstáculo. Outras dificuldades também foram citadas, como a falta de interesse de estudantes (44%); os desafios com o ensino remoto/híbrido (39%); o tempo curto para o planejamento das aulas (44%); o conteúdo programático excessivo (17%). Essas respostas foram orientadoras para a proposição da oficina sobre técnicas de contação de histórias, justamente por retratarem situações problema que poderiam ser minimizadas com uma metodologia aplicada. Assim, a expectativa da oficina era contribuir para a mobilização, atenção e interesse dos alunos e a melhor eficiência do corpo docente no processo ensino-aprendizagem.

As dificuldades na carreira também foram abordadas. De acordo com os dados do questionário, 94% dos sujeitos afirmaram ter que lidar com a desvalorização da carreira; 44% com a alta jornada de trabalho; 17% com a falta de oportunidades para capacitações e 11% com a dificuldade de comunicação com pais e responsáveis.

⁵ A partir daqui, as questões permitiam ao docente assinalar mais de uma alternativa na resposta.

A falta de oportunidade para capacitações também foi um dado importante para a justificativa da oficina.

Para Nóvoa (2007, p. 12), este é um panorama desafiador:

[...] Há um paradoxo entre o excesso das missões da escola, o excesso de pedidos que a sociedade nos faz e, ao mesmo tempo, uma cada vez maior fragilidade do estatuto docente. Os professores têm perdido prestígio, a profissão docente é mais frágil hoje do que era há alguns anos. Eis um enorme paradoxo. Como é possível a escola nos pedir tantas coisas, atribuir-nos tantas missões e, ao mesmo tempo, fragilizar nosso estatuto profissional.

A maioria dos professores e das professoras já participou de oficinas sobre metodologias de ensino (94%) e entre as principais dificuldades com o ensino híbrido estão: administrar aula presencial e *online* ao mesmo tempo (53%); fazer a gestão do tempo (47%); lidar com novas tecnologias (23%).

Em relação às estratégias didático-metodológicas utilizadas pelo corpo docente em sala de aula, as mais citadas foram: aulas expositivas (89%), mapa conceitual (89%); estudo dirigido (78%); resolução de problemas (72%) e ensino através de pesquisa (72%).

Os recursos artísticos são utilizados em sala de aula por 72% do corpo docente. Vale destacar que uma das autoras desse projeto integrador coordenou uma pesquisa-ação nessa unidade escolar articulando literatura, cinema e processo ensino-aprendizagem, o que pode contribuir para o dado relativamente alto sobre o uso de recursos artísticos (COMBINATO *et al.*, 2020; COMBINATO, 2022).

Entretanto, a contação de histórias como estratégia metodológica é pouco utilizada em sala de aula pelos profissionais: apenas 39% dos sujeitos disseram utilizá-la como técnica didático-pedagógica. Nesse sentido, há muito o que ser explorado sobre o tema, a fim de contribuir para o repertório profissional do corpo docente e para a investigação sobre a atenção e o interesse de estudantes diante dessa metodologia de ensino.

Conforme afirma Tajra (2012, p. 98), cada profissional deve avaliar e fazer suas escolhas: “Cabe a cada professor descobrir a sua própria forma de utilizá-las conforme o seu interesse educacional, pois, como já sabemos, não existe uma forma universal para a utilização dos computadores ou outras tecnologias em sala de aula”.

As respostas possibilitaram o conhecimento do perfil dos sujeitos, a definição da metodologia (oficina sobre técnicas de contação de histórias) diante de uma situação problema (déficits de atenção, concentração e interesse dos alunos) e o planejamento da oficina.

SOBRE A OFICINA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Todos os professores e professoras da unidade escolar (19) e a coordenadora pedagógica participaram da oficina realizada no auditório da escola no dia 25 de outubro de 2021, no período das 15h às 16h30 (horário de trabalho pedagógico coletivo).

A oficina “*Era uma vez...: técnicas de contação de histórias como estratégias metodológicas no processo ensino-aprendizagem*” teve como objetivo apresentar técnicas de contação de histórias a docentes de uma escola estadual de ensino médio integral, a fim de que eles se apropriassem e utilizassem algumas técnicas nas suas aulas. Assim, esperava-se que eles mobilizassem a atenção e o afeto de estudantes, ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Inicialmente, as graduandas da UNIVESP se apresentaram, agradeceram a receptividade e a participação de todos e expuseram o plano e o objetivo da oficina. Em seguida, sintetizaram os principais resultados do questionário respondido pelos professores, tendo em vista a mobilização e o envolvimento na atividade. Enfatizaram que, no geral, os resultados foram muito positivos, demonstrando a competência e o compromisso do corpo docente com a formação continuada para a garantia de um bom ensino e uma boa aprendizagem do corpo discente. Destacaram que um dos pontos considerados mais difíceis, apontados pelos sujeitos no questionário, nesse momento de retorno às aulas presenciais, após longo tempo de ensino remoto devido à pandemia, foi mobilizar a atenção de estudantes. Em função disso, planejaram a oficina sobre técnicas de contação de histórias para contribuir com a formação profissional e, conseqüentemente, com a mobilização da atenção de estudantes e o maior engajamento no processo de aprendizagem.

As graduandas explicaram que fariam uma simulação de duas situações de ensino para que, na sequência, pudessem discutir com o corpo docente as técnicas utilizadas. O tema da simulação de ensino foi “As várias formas de acessar o mar”. Uma graduanda (A) coordenou a primeira etapa e outra (graduanda B) coordenou a segunda.

No primeiro momento, a graduanda A citou o tema da aula e rapidamente apresentou imagens de animais marinhos e seus respectivos nomes em língua inglesa: *dolphin* – golfinho, *shark* – tubarão, *whale* – baleia, *killer whale* – orca, *turtle* – tartaruga, *seal* – foca, *sea lion* – leão-marinho, *coral* – coral, *crab* – caranguejo, *penguin* – pinguim, *eel* – enguia, *jellyfish* – água viva, *lobster* – lagosta, *octopus* – polvo, *otter* – lontra, *oyster* – ostra, *seahorse* – cavalo-marinho, *seashell* – concha, *shrimp* – camarão, *squid* – lula, *starfish* – estrela-do-mar, *tuna fish* – atum. Ela pronunciava os nomes e os participantes repetiam. Na sequência, entregou um jogo de caça-palavras com os nomes supostamente aprendidos para que eles os encontrassem. Atribuiu um tempo relativamente curto e pressionou o grupo para o desenvolvimento da atividade. Por

fim, exibiu o poema “The Sea”⁶ e solicitou que alguém o lesse, demonstrando seu próprio encantamento e, em seguida, encerrou a aula.

The Sea

If I see the sea,
can the sea see me?
I love every drop,
every splash, every plop,
Spreading far and wide,
where mysterious creatures reside.

If I see the sea,
Can the sea see me?
Down in the deep,
Where sea spiders creep,
Down in the dark,
Lives the mutated shark.

If the sea sees me,
What will it see?
A creature with wings,
Or a beast with no limbs?
Or a mere boy
Filled with wonder and joy.

If I see the sea,
Can the sea see me?
It opens its eye,
As its waves rise high.
And I squeal with glee,
Knowing that the sea has seen me.

O Mar

Se eu vejo o mar,
Pode o mar me ver?
Eu amo cada gota,
cada respingo, cada chape,
Espalhando-se por toda parte,
onde criaturas misteriosas residem.

Se eu vejo o mar,
Pode o mar me ver?
Lá no fundo,
Onde as aranhas do mar rastejam,
Lá embaixo no escuro,
Vive o tubarão mutante.

Se o mar me vir,
O que vai ver?
Uma criatura com asas,
Ou uma fera sem membros?
Ou um mero menino
Cheio de admiração e alegria.

Se eu vejo o mar,
Pode o mar me ver?
Ele abre o olho,
Enquanto suas ondas sobem alto.
E eu grito de alegria,
Sabendo que o mar me viu.

No segundo momento, a graduanda B retomou o tema da aula e disse que teriam outra oportunidade de acessar o mar, dessa vez através de uma história. Mostrou o livro *O beijo da palavrinha*, de Mía Couto (2006), e perguntou quem conhecia o conto. Ninguém afirmou que sim. Perguntou quem conhecia o escritor e alguns participantes se manifestaram positivamente. Então questionou o que sabiam sobre Mía Couto. Conforme cada um respondia, a graduanda B valorizava a resposta e acrescentava mais alguma informação sobre o autor. Assim, antes de iniciar a contação de história propriamente dita, procurou criar um clima de envolvimento e atenção entre os presentes. Então, garantido o silêncio e a concentração, iniciou a contação de *O beijo da palavrinha*, que havia memorizado.

⁶ Tradução livre feita apenas para compreensão do poema, visto que, ao traduzir, há perda das rimas e dos trocadilhos do texto original.

A história tem como protagonista a menina Maria Poeirinha que vive em uma pobre aldeia com sua família. Repleta de sensibilidade e poesia, a obra narra a miséria em que os personagens vivem, com ausência de sonhos, possibilidades e de um futuro para Poeirinha e seu irmão, Zeca Zonzo.

Em um ambiente totalmente escasso, onde a pobreza impede o desenvolvimento das pessoas, Tio Jaime Litorâneo é um personagem que chega na história para falar sobre a importância de os familiares terem contato com o mar, um outro mundo além do horizonte hostil em que vivem, uma nova vida com imensidão e vitalidade. É ele quem incentiva esse novo olhar, o desbravamento dos medos para a descoberta de um mar de esperança, alegria e mudança.

No desenrolar da história, Maria Poeirinha adoece e, sem condições de conhecer o mar pessoalmente, é conduzida pelo irmão a descobrir a imensidão das águas litorâneas através da palavra MAR.

Em seus últimos minutos de vida, a protagonista conhece o mar por meio da criatividade e da imaginação, possibilitadas pela mediação do irmão Zonzo, através das letras M, A e R. O livro é finalizado mostrando a realidade vulnerável de muitas famílias, mas com uma pitada de doçura através do universo onírico da literatura.

Finalizada a simulação, as graduandas questionaram se as pessoas que participaram da oficina tinham conseguido acessar o mar. As respostas foram positivas, entretanto, o acesso aconteceu principalmente via narrativa *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto, pela contação da graduanda B.

As graduandas coordenaram a discussão problematizando as diferenças entre os dois momentos da aula para que os profissionais entendessem o porquê da maior facilidade em acessar o mar via narrativa. A apropriação do conteúdo diante da narrativa demonstra que “a ética do narrador oral envolve responsabilidades com a história, com os ouvintes, consigo mesmo e com a arte e o ofício de narrar” (CAFÉ, 2020, p. 48).

Daí a importância da relação afetiva não apenas entre os sujeitos, mas com o conteúdo ministrado. Essa relação com o objeto de conhecimento pode afetar os aprendizes. De acordo com Leite (2012, p. 362), “as relações que se estabelecem entre sujeito-objeto-mediador também são marcadamente afetivas”. O autor completa: “a qualidade da mediação desenvolvida é um dos principais determinantes da relação que vai se estabelecer entre o sujeito e o objeto de conhecimento, envolvendo, simultaneamente, as dimensões cognitiva e afetiva” (Idem, p. 362).

Por fim, os participantes concluíram que, independentemente do conteúdo, a forma de abordagem é essencial para garantir a atenção, a concentração, o envolvimento – inclusive afetivo – de estudantes durante o processo ensino-aprendizagem.

Na sequência, as graduandas sintetizaram algumas técnicas de contação de história conforme revisão bibliográfica sobre o tema (por exemplo: conhecimento do

público-alvo; criação de um ambiente favorável; domínio mnemônico e afetivo do conteúdo; capacidade de escuta; implicação consigo, com o outro e com a atividade) e retomaram o objetivo inicial da oficina, destacando que os professores e as professoras não precisariam contar histórias em suas aulas, mas se apropriar das técnicas que avaliassem interessantes para aprimorar a atividade de ensino.

No encerramento da oficina, foi solicitado que os participantes respondessem a um breve questionário também anônimo e *online*, tendo como plataforma para tal captação de dados o Google Forms. O objetivo desse questionário foi avaliar se a oficina sobre técnicas de contação de histórias poderia auxiliar o docente em sala de aula, ou seja, averiguar se houve alguma contribuição em termos de metodologia de ensino para o desempenho em sala de aula. O instrumento de avaliação foi disponibilizado aos sujeitos através de um QRcode e *link* que poderia ser acessado pelo celular ou *notebook*.

É preciso destacar um fator importante nessa avaliação: buscamos avaliar a percepção e a disponibilidade de o corpo docente utilizar técnicas de contação de histórias, a fim de auxiliar de alguma forma o processo de ensino, mas não verificamos futuramente se essas técnicas foram utilizadas efetivamente nem como foram apropriadas pelos profissionais. Todos os participantes da oficina responderam ao questionário, sendo que 80% deram nota máxima a ela, ou seja, classificaram-na com nota 10. Deram nota 9 à oficina 10% dos participantes e nota 8 também 10%.

Foi questionado qual teria sido o ponto forte da oficina e os participantes puderam assinalar mais de uma alternativa. Um total de 80% destacou a oportunidade de reflexão sobre a atividade docente; 74% afirmaram que o ponto forte foi a sugestão de técnicas de contação de histórias; 68% enfatizaram o modelo de aula com contação de histórias e 26% gostaram das referências bibliográficas indicadas. Os dados nos mostram como é importante a apresentação de novas ferramentas metodológicas – como as técnicas de contação de histórias – para que o ambiente pedagógico se torne um espaço de inovação, criatividade e incentivo ao aprendizado.

Com a maioria dos participantes da oficina opinando a respeito da oportunidade de reflexão sobre a atividade docente, conseguimos verificar a importância de ferramentas de atualização e formação profissional para que professores e professoras possam lecionar de maneira capacitada, engajada e com mais eficácia para conseguir a atenção de alunos e alunas e, conseqüentemente, a ampliação do compartilhamento do conhecimento. Em especial, as técnicas de contação de histórias podem ser um importante estímulo para a prazerosa troca entre estudantes e docentes.

Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e jovens, não há nada de importância maior do que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler, mas que, vida afora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: “No

princípio está a Palavra...”. É pela palavra que se entra no mundo humano (ALVES, 2006, p. 61).

Outro dado interessante obtido na avaliação final é que 100% dos participantes relataram que pretendem utilizar algum aprendizado obtido na oficina em suas aulas. Todos também afirmaram que as técnicas de contação de histórias podem auxiliá-los na atividade didático-pedagógica.

Por fim, perguntamos no questionário em qual sentido a oficina poderia contribuir com o desempenho da prática docente e foi possibilitado que assinalassem mais de uma resposta. O resultado foi: 89% acreditam que as técnicas de contação de histórias podem incentivar a imaginação de estudantes; 84% entendem que as técnicas podem mobilizar a atenção de estudantes; 84% esperam promover uma relação afetiva e empática entre docentes e estudantes; 68% contam com uma escuta mais ativa para dinamizar a aula; 58% supõem compartilhar o conhecimento com mais eficácia e incentivar a leitura e 47% contam com o melhor desempenho de alunos e alunas.

O professor que contribui significativamente para a aprendizagem da criatividade em sala de aula é aquele que domina o conteúdo que ensina (conhecimento da disciplina), tem entusiasmo pelo conteúdo que leciona e pela atividade docente (afetividade com o conhecimento) e faz uso de uma diversidade de técnicas instrucionais (aula expositiva, discussão em grupo, dramatização, instrução programada, tutoria, jogos, estudo individual, etc.).

O professor comprometido com o desenvolvimento da criatividade de seus alunos é mais flexível, estabelece uma relação positiva com seus alunos, estimula o questionamento em sala de aula, apresenta senso de humor, passa mais tempo com os alunos do que o necessário, interage com o aluno fora de sala de aula, compartilha experiências pessoais relacionadas ao conteúdo ministrado e apresenta informações significativas, atualizadas e conectadas entre si (FLEITH, 2001, p. 3).

Desta forma, podemos imputar que a oficina de contação de história foi válida para exemplificar ao corpo docente a importância da criatividade, da inovação e das ferramentas de atualização metodológica para que o processo ensino-aprendizagem afete o sistema psíquico – atenção, pensamento, imaginação, por exemplo – e seja prazeroso e eficaz para todos os sujeitos envolvidos.

A análise final dos dados nos mostra que é um desafio por parte de docentes continuar conquistando e prendendo a atenção de estudantes, especialmente em um contexto atípico, com grandes perdas envolvidas, como as da pandemia de COVID-19. Entretanto, acreditamos que uma parte dos desafios pode ser minimizada com o uso de novas metodologias e técnicas que não são muito comuns, como a de contação de histórias.

Importante destacar que essa oficina foi apenas uma pequena amostra do que pode ser desenvolvido como formação continuada. Por conta do tempo restrito destinado ao PI de um semestre, não foi possível avaliar se, de fato, os professores e as professoras utilizaram as técnicas e qual a repercussão no processo ensino-aprendizagem.

Acreditamos que, mesmo assim, a avaliação dos docentes sobre a possibilidade de aplicação das técnicas em sala de aula pode proporcionar uma autorreflexão sobre sua prática profissional, levando-o ao aperfeiçoamento de seu desempenho e, conseqüentemente, a uma melhoria do ensino e da aprendizagem dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expectativa da oficina “*Era uma vez...: técnicas de contação de histórias como estratégias metodológicas no processo ensino-aprendizagem*” foi auxiliar o corpo docente de uma escola de ensino médio integral com uma metodologia de ensino que mobilizasse a atenção e o afeto de estudantes, ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Ao chegarmos ao final deste trabalho, pudemos constatar a importância de novas metodologias de ensino na escola (local privilegiado da sistematização de saberes e da transmissão de conteúdo para a obtenção do aprendizado), da criatividade na sala de aula, da integração entre os diferentes componentes curriculares e da formação contínua dos profissionais da educação básica para a superação de dificuldades, especialmente em um cenário tão adverso como o que vivemos durante a pandemia. Mas é claro que isso não basta. Conforme apontamos no início deste artigo, a responsabilidade de um ensino de qualidade não se restringe à atuação do corpo docente. Os próprios sujeitos afirmaram no questionário sobre as dificuldades relativas à desvalorização da carreira, à alta jornada de trabalho e até mesmo a falta de oportunidade de realizar capacitações, o que implica diretamente na atuação profissional.

A partir de informações fornecidas pela coordenadora pedagógica da escola e de resultados obtidos através de um questionário *online* com os professores e as professoras do Ensino Médio Integral, identificamos uma situação problema ocasionada pelo retorno às aulas presenciais que poderia ser sanada ou amenizada com uma determinada metodologia de ensino. Trata-se de uma situação problema identificada e uma intervenção muito pontual.

Com fundamentos teórico-metodológicos, avaliamos que técnicas de contação de histórias poderiam ser uma ferramenta a ser utilizada por docentes de diferentes áreas do conhecimento, para prender a atenção do aluno e tornar o aprendizado mais significativo, afinal, todo mundo se recorda de uma boa história que já ouviu na vida, mobilizando o afeto e a cognição.

Planejamos e realizamos uma oficina sobre técnicas de contação de história com os mesmos sujeitos que responderam ao questionário inicial, na expectativa de contribuir com uma metodologia de ensino para o enfrentamento da dificuldade de atenção, concentração e engajamento de estudantes no retorno às aulas presenciais.

A avaliação da oficina de contação de histórias promovida pelas alunas da UNIVESP foi muito positiva: promoveu a reflexão da atividade docente, mobilizou conhecimentos e, de acordo com os participantes, pode contribuir para o processo ensino-aprendizagem na comunidade escolar, uma vez que todos afirmaram que pretendem utilizar o aprendizado obtido em suas aulas.

Desta forma, entendemos que a oficina “*Era uma vez...: técnicas de contação de histórias como estratégias metodológicas no processo ensino-aprendizagem*” agregou conhecimento ao público-alvo, contribuindo para o aprendizado de docentes na utilização de recursos criativos em sala de aula, como técnicas de contação de histórias. Assim, a expectativa é de que essa breve intervenção abra espaço para transformar o cenário de falta de interesse e concentração detectado pelo primeiro levantamento realizado na escola em ambiente de aprendizagem significativa.

Sendo assim, concluímos que uma formação docente recheada de criatividade, inovação, incentivos à leitura e ações voltadas para o potencial criativo deve nortear as atividades escolares. A implementação de metodologias pedagógicas que fomentem o acesso à informação atualizada, contextualizada e com fácil transmissão de ideias e conhecimentos possibilita um ambiente escolar favorável ao aprendizado e à formação de estudantes/cidadãos críticos e cientes do seu papel de transformação da nossa sociedade, preparados para enfrentar e propor mudanças no mundo. É claro que, para isso, é imprescindível que o professor destine tempo ao planejamento das aulas. Consideramos impossível ministrar uma boa aula sem a devida preparação e posterior avaliação. Entretanto, não basta a vontade do corpo docente quando se tem uma carga horária de aproximadamente 30 aulas semanais a ministrar em diferentes turmas e disciplinas. É preciso oferecer a esses trabalhadores condições concretas de tempo, espaço e recursos materiais e pedagógicos para esse planejamento.

Assim, espera-se, com a divulgação dessa experiência, promover uma reflexão na comunidade escolar sobre o potencial das técnicas de contação de histórias como metodologia de ensino no processo ensino-aprendizagem, bem como incentivar a realização de pesquisas que avaliem a repercussão dessas técnicas no aprendizado, junto aos estudantes. Avaliar as práticas metodológicas pode contribuir para o processo de tomada de decisões que facilitem o sucesso escolar de estudantes e o desenvolvimento profissional de docentes.

COMBINATO, D. S.; ENDRIZZI, A. D. M.O.; BAHIENSE, D. C. R.; REIS, G. A. Once upon a time...: storytelling techniques as methodological strategies in the teaching-learning process . Marília, v. 23, n. 01, p. 217-232, 2022.

ABSTRACT: The overall objective of this work was to plan and develop a workshop on storytelling techniques for teachers from a full-time state high school so that they would be able to appropriate and use such techniques in the classroom. Therefore, the expectation regarding the workshop was to contribute to teacher training and consequently students' mobilization, attention, and interest, as well as teachers' higher efficiency in the teaching-learning process. This is because, given a pandemic scenario, some students manifest(ed) lack of interest, low concentration and attention during classes, making learning harder. The methodology adopted in the workshop was storytelling itself, a millenary art that has the potential of bringing people together, awakening affection, imagination, and enchantment. The teachers positively assessed the workshop, considering it an opportunity for learning and reflection on the activity. All of them expressed the intent to use what they learned in classes. Indeed, it is expected that this brief experience mobilizes teachers to use storytelling techniques in the pedagogical process.

KEYWORDS: Education. Teaching methodologies. Storytelling.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALMEIDA, L. P. A experiência total da leitura literária. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 66, n. 2, p. 143-158, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000200011. Acesso em: 15 nov. 2021.
- ALVES, R. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 2006.
- CAFÉ, Â. B. *Princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz*. Lisboa/Portugal: Lisbon Internacional Press, 2020.
- COUTO, M. *O beijo da palavrinha*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.
- COMBINATO, D. S.; VIEIRA, I. G.; AUGUSTO, J. M. M.; OLIVEIRA, T. C. S. Arte e formação humana integral: desafios no ensino brasileiro. *SENSOS-E Revista Multimídia de Investigação em Educação*, v. VII, p. 67-73, 2020. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/sensos/article/view/3516/1548> Acesso em: 02 set. 2022.
- COMBINATO, D. S. Experiência estética em pesquisa-ação com alunos e professores de uma escola pública de Ensino Médio Integral. *Linha Mestra*, v. 16, p. 839-848, 2022. Disponível em: <https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/923/972> Acesso em: 02 set. 2022.
- FLEITH, D. de S. Criatividade: novos conceitos e ideias, aplicabilidade à educação. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, n. 17, p. 55-61, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5229>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEITE, S. A. da S. Afetividade nas práticas pedagógicas. *Temas em Psicologia*, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2022.

MATOS, G. A. Nas asas da poesia: contação de histórias como linguagem artística. In: MEDEIROS, F. H. N.; MORAES, T. M. R. *Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: SESC, 2015. p. 202-212.

MORGADO, J. *Qualidade na educação: um desafio para os professores*. Lisboa: Presença, 2004.

NÓVOA, A. *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo*. São Paulo, SNPRO-SP, 2007. Disponível em: https://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

OTTE, M. W.; KOVÁCS, A. M. *A magia de contar histórias*. 2002. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Disponível em: <https://fdocumentos.tips/reader/full/a-magia-de-contar-historias>. Acesso em: 06 set. 2021.

PACHECO, J. A.; FLORES, M. A. *Formação e avaliação de professores*. Porto: Porto Editora, 1999.

POTT, E. T. B. O potencial das histórias como promotoras da reflexão sobre valores e do desenvolvimento do pensamento abstrato em adolescentes. In: SOUZA, V. L. T.; PETRONI, A. P.; ANDRADA, P. C. (Org.). *A psicologia da arte e a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem: intervenções em contextos educativos diversos*. São Paulo: Loyola, 2016. p. 29-44.

SOUZA, D. F. de; SILVA, A. L. R. da. Aprendendo Ciências por meio da Contação de Histórias: Learning Science through Storytelling. *Revista Conexão ComCiência*, v. 1, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conexaocomciencia/article/view/4852>. Acesso em: 11 out. 2021.

SOUZA, L. O. de.; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. *Revista Educere Et Educare*, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul. 2011. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/viewArticle/4643>. Acesso em: 11 out. 2021.

TAMANHO, N.; MINUZI, N. A. A contação de histórias na era digital: possibilidades e desafios no município Ponte Serrada. *Trabalho de conclusão de curso*. Instituto Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/1946>. Acesso em: 8 out. 2021.

TAJRA, S. F. *Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas na atualidade*. 9. ed. São Paulo: Érica, 2012.

UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Projeto Pedagógico dos Cursos*. Licenciatura em Letras, Pedagogia e Matemática. UNIVESP, 2020. Disponível em: <https://univesp.br/cursos>. Acesso em: 02 mar. 2022.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na Infância*. Tradução Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão popular, 2018.

Data de submissão: 10/03/22

Data de aceite: 22/08/22

Data de publicação: